

Como um Homem Pensa

Vincent Cheung

Copyright © 2005 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por [Reformation Ministries International](#)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Mateus Mota

Primeira edição em português: *Janeiro de 2007*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

PROVÉRBIOS 22:29 – 23:8

Você já observou um homem habilidoso em seu trabalho? Será promovido ao serviço real; não trabalhará para gente obscura.

Quando você se assentar para uma refeição com alguma autoridade, observe com atenção quem está diante de você, e encoste a faca em sua própria garganta, se estiver com grande apetite. Não deseje as iguarias que lhe oferece, pois podem ser enganosas.

Não esgote as suas forças tentando ficar rico; tenha bom senso! As riquezas desaparecem assim que você as contempla; elas criam asas e voam como águia no céu.

Não aceite a refeição de um hospedeiro invejoso, nem deseje as iguarias que lhe oferece; pois ele só pensa nos gastos. Ele diz: “Coma e beba!”, mas não fala com sinceridade. Você vomitará o pouco que comeu, e desperdiçará a sua cordialidade.

Porque o livro de Provérbios comunica sabedoria por meio de muitos adágios curtos e eficazes, suas declarações são facilmente tomadas fora de contexto e mal aplicadas. E quando isso ocorre, poucas pessoas percebem. Um bom exemplo é o de Provérbios 23:7, que diz, na versão KJV: “Como pensa em seu coração, assim ele é”. Para o propósito de usá-lo inapropriadamente, é até mesmo mais conveniente dizer: “Como *um homem* pensa em seu coração, assim ele é”. Dizer “como um homem” em vez de “como ele” remove ainda mais o versículo de seu contexto, pois ninguém, dessa forma, perguntaria sobre quem o “ele” é. O versículo poderia então sustentar a si mesmo, e é dessa forma que ele é geralmente citado.

Muitos ensinamentos cristãos e *New Age* sobre pensamento positivo adotaram esse versículo como o seu moto. Para ser preciso, eles adotaram a *primeira* parte do versículo, visto que citar a segunda seria suficiente para expor o abuso daquela. Para eles, as palavras “como um homem pensa, assim ele é” resumem seu ensino de que uma pessoa *é* o que ela pensa e que ela *se transforma* naquilo que pensa.

A Bíblia, de fato, ensina isso em um sentido, mas não o que é pretendido pelos falsos ensinamentos. Num sentido, a Bíblia ensina que uma pessoa *é* o que ela pensa (mesmo em Provérbios 23:7) e que ela *se torna* naquilo em que pensa (mas não em Provérbios 23:7). Para ilustrar o último, uma pessoa regenerada cresce em sabedoria, santidade e até mesmo em sucesso, em parte por pensar de acordo com os preceitos bíblicos e por modelar a sua vida em de acordo com eles.¹ Em outras palavras, pela graça e poder de Deus, o crente *cresce* nos próprios preceitos bíblicos sobre os quais medita.

Assim, nesse sentido, a Bíblia realmente ensina que uma pessoa *se torna* naquilo que pensa. Ela nos alerta sobre o que entretemos em nossa mente, e oferece linhas de direção específicas sobre o que deveríamos pensar. Em relação à maneira com que as Escrituras comunicam que uma pessoa *é* aquilo que pensa, discutiremos isso posteriormente, quando estivermos prontos para oferecer a interpretação correta de Provérbios 23:7.

¹ Entre outros, ver o Salmo 1 e o Salmo 119:97-105.

É importante notar duas diferenças. Os ensinamentos *New Age* diferenciam das Escrituras quando se referem aos meios de nossa transformação, e no que diz respeito aos objetos e propósitos de nossos pensamentos. De acordo com eles, o *meio* ou o poder para a transformação positiva não é o poder de Deus na regeneração e santificação, mas a força latente da mente humana. Esta é descrita como sendo quase sobrenatural, e, às vezes, é explicitamente exposta dessa maneira. Então, os objetos *adequados* de nossos pensamentos não são, necessariamente, bíblicos, mas qualquer coisa positiva que nos possa ajudar a alcançar o resultado pretendido. Quanto aos *propósitos*, eles nunca são para a glória de Deus e a santificação do homem, mas para alcançar objetivos egoístas e mesquinhos, ou, na melhor das hipóteses, para trazer à humanidade benefícios à parte de Deus, e de arrependimento e sujeição a ele.

Esses ensinamentos sugerem que uma pessoa *é* o que pensa e que ela *se torna* o que pensa de uma forma bem diferente daquela ensinada pela Bíblia. Eles enfatizam o poder da autoconfiança e da liberação do poder inato do homem, de forma que você *se tornará* a pessoa que deseja ser se pensar que realmente é essa pessoa – sua mente fará isso acontecer. Se você acha que é rico, você *será* rico; se pensa que é bem sucedido, *será* bem sucedido. E se crê que pode fazer algo, você pode. Se não consegue fazer alguma coisa, pense que pode, e será capaz disso. Pois, afinal de contas, como um homem pensa em seu coração, assim ele é.

Embora as teorias e técnicas variem, são ensinamentos como esses que raptaram Provérbios 23:7. Infelizmente, muitos cristãos professos, em especial alguns daqueles nos círculos carismáticos, têm adotado doutrinas similares, e têm abusado do nosso versículo de maneiras similares.

O versículo tem um contexto, que controla e limita o seu conteúdo. Assim, para entendê-lo apropriadamente, devemos trazê-lo de volta ao seu contexto, e ver o que ele e toda a passagem nos têm a dizer. Para isso, voltaremos primeiramente a Provérbios 22:29 e começaremos daí.

Poderíamos iniciar de 23:1, e os vários versículos seguintes nos dariam suficiente contexto para compreendermos o versículo 7. Mas é benéfico darmos uma olhada em 22:29, visto que ele sugere um modo como alguém chegaria à situação descrita em 23:1 em primeiro lugar.

O versículo se refere a alguém que é “*habilidoso em seu trabalho*”. A palavra traduzida como “*habilidoso*” denota prontidão e rapidez no cumprimento da tarefa de alguém, bem como um bom entendimento da natureza do trabalho. Fala sobre competência e eficiência.

Algumas traduções constroem a palavra como se ela se referisse à excelência exterior, tal como se dá com a arte. Por exemplo, lê-se na versão REB: “Você vê um artesão habilidoso em sua arte: ele servirá a reis, e não a homens comuns”. Embora o versículo possa incluir habilidades externas, traduzi-lo dessa forma obscurece a sua ênfase primária, que é a competência e eficiência em tarefas intelectuais. Então, a GNT muda o versículo totalmente: “Mostre-me alguém que faz um bom trabalho, e lhe mostrarei alguém que é melhor que a maioria e digno da companhia dos reis”.

A Bíblia de Jerusalém diz: “algum homem *astuto* em seus trabalhos”, e a Nova Bíblia de Jerusalém: “alguém *alerta* em seus trabalhos” Elas são melhores, pois ao menos captam um aspecto da excelência descrita pelo versículo. A tradução da God's Word – “uma pessoa que é *eficiente* em seu trabalho” – parece enfatizar outro aspecto. A NKJ diz: “um homem que *sobressai* em seu trabalho”, que não está mau.

Matthew Pole prefere “diligente”, dizendo que o versículo se refere a alguém que é “veloz na execução daquilo que foi planejado *bem* e *sabiamente*”.² Delitzsch nota que esse homem “habilidoso” deve ter “domínio intelectual”³ da tarefa à sua mão. *Barnes* sugere que isso se refere ao “dom de um intelecto rápido e pronto”.⁴ A mesma palavra é usada no Salmo 45:1, e, lá, é geralmente traduzida por “preparado”, como em “escritor *preparado*”, sugerindo assim competência e eficiência em tarefas intelectuais. Em todo o caso, o tipo de pessoa descrita é o *oposto* daquela estúpida e lerda.

A espécie de “trabalho” aqui é provavelmente de um escriba ou oficial. O versículo não parece sugerir uma restrição limitada, embora *Strong* mencione que a palavra se refere a um emprego que “nunca é servil”.

Reis, governadores, e oficiais do alto escalão constantemente buscam aqueles que exibem bastante conhecimento e excelência em seu trabalho. Pessoas como essas – espertas, rápidas, e eficientes – são freqüentemente promovidas para o trabalho com grandes homens, em vez de serem mantidas com pessoas obscuras.

Há mais do que uns poucos exemplos bíblicos para ilustrar o que o versículo diz. Para o nosso propósito, é suficiente ler rapidamente alguns deles sem comentá-los:

GÊNESIS 41:9-14, 33-43

Então o chefe dos copeiros disse ao faraó: “Hoje me lembro das minhas faltas. Certa vez o faraó ficou irado com os seus dois servos e mandou prender junto com o chefe dos padeiros, na casa do capitão da guarda. Certa noite cada um de nós teve um sonho, e cada sonho tinha uma interpretação. Pois bem, havia lá conosco um jovem hebreu, servo do capitão da guarda. Contamos a ele os nossos sonhos, e ele os interpretou, dando a cada um de nós a interpretação de seu próprio sonho. E tudo aconteceu conforme ele nos dissera: eu fui restaurado à minha posição e o outro foi enforcado”.

O faraó mandou chamar a José, que foi trazido depressa do calabouço. Depois de se barbear e de trocar de roupa, apresentou-se ao faraó...

“Procure agora o faraó um homem criterioso e sábio e coloque-o no comando da terra do Egito. O faraó também deve estabelecer supervisores para recolher um quinto da colheita do Egito durante os sete anos de fartura. Eles deverão recolher o que puderem nos anos bons que virão e fazer estoques de trigo que, sob o controle de faraó, serão armazenados nas cidades. Esse estoque servirá de reserva para os sete anos de fome que virão sobre o Egito, para que a terra não seja arrasada pela fome”.

² Matthew Poole, *A Commentary on the Holy Bible, Vol. 2* (Hendrickson Publishers), p. 258.

³ C. F. Keil and F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament, Vol. 6* (Hendrickson Publishers), p. 335.

⁴ *Barnes' Notes: Proverbs to Ezekiel* (Baker Books), p. 63.

O plano pareceu bom ao faraó e a todos os seus conselheiros, Por isso o faraó lhes perguntou: “Será que vamos conseguir achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino”?

Disse, pois, o faraó a José: “Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. Você terá o comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você”.

Então faraó prosseguiu: “Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito”. Em seguida o faraó tirou do dedo o seu anel-selo e o colocou no dedo de José, Mandou-o vestir linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: “Abram caminho!” Assim José foi colocado no comando de toda a terra do Egito.

1 SAMUEL 16:14-23

O Espírito do Senhor se retirou de Saul, e um espírito maligno, vindo da parte do Senhor, o atormentava.

Os oficiais de Saul lhe disseram: “Há um espírito maligno, mandado por Deus, te atormentando. Que o nosso soberano manda estes teus servos procurar um homem que saiba tocar harpa. Quando o espírito maligno, vindo da parte de Deus, se apoderar de ti, o homem tocará a harpa e tu te sentirás melhor”.

Saul respondeu aos que o serviam: “Conheço um filho de Jessé, de Belém, que sabe tocar harpa. É um guerreiro valente, sabe falar bem, tem boa aparência e o Senhor está com ele”.

Então Saul mandou mensageiros a Jessé com a seguinte mensagem: “Envie-me seu filho Davi, que cuida das ovelhas”. Jessé apanhou um jumento e o carregou de pães, uma vasilha de couro cheia de vinho e um cabrito e os enviou a Saul por meio de Davi, seu filho.

Davi apresentou-se perante a Saul e passou a trabalhar para ele. Saul gostou muito dele, e Davi se tornou seu escudeiro. Então Saul enviou a seguinte mensagem a Jessé: “Deixe que Davi continue trabalhando para mim, pois estou satisfeito com ele”.

Sempre que o espírito mandado por Deus se apoderava de Saul, Davi apanhava sua harpa e tocava. Então Saul sentia alívio e melhorava, e o espírito maligno o deixava.

DANIEL 1:17, 2:46-49, 5:11-12

A esses quatro jovens Deus deu sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da cultura e da ciência. E Daniel, além disso, sabia interpretar todo tipo de visões e sonhos.

Ao final do tempo estabelecido pelo rei para que os jovens fossem trazidos à sua presença, o chefe dos oficiais os apresentou a Nabucodonosor. O rei conversou com eles, e não encontrou ninguém comparado a Daniel, Hananias, Misael, e Azarias; de modo que eles passaram a servir o rei. O rei lhes fez perguntas sobre todos os assuntos que exigiam sabedoria e conhecimento, e descobriu que eram dez vezes mais sábios do que todos os magos e encantadores de todo o seu reino...

Então o rei Nabucodonosor caiu prostrado diante de Daniel, prestou-lhe honra e ordenou que lhe fosse apresentada uma oferta de cereal e incenso. O rei disse a Daniel: “Não há dúvida de que o seu Deus é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis e aquele que revela os mistérios, pois você conseguiu revelar esse mistério”.

Assim o rei colocou Daniel num alto cargo e o cobriu de presentes. Ele o designou governante de toda a província da Babilônia e o encarregou de todos os sábios da província. Além disso, a pedido de Daniel, o rei nomeou a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego administradores da província da Babilônia, enquanto o próprio Daniel permanecia na corte do rei...

“... existe um homem em teu reino que possui o espírito dos santos deuses. Na época de teu predecessor verificou-se que ele era um iluminado e tinha inteligência e sabedoria como a dos deuses. O rei Nabucodonosor, teu predecessor – sim, o teu predecessor – o nomeou chefe dos magos, dos encantadores, dos astrólogos e dos adivinhos. Verificou-se que esse homem, Daniel, a quem o rei dera o nome de Beltessazar, tinha inteligência extraordinária e também a capacidade de interpretar sonhos e resolver enigmas e mistérios. Manda chamar Daniel, e ele te dará o significado da escrita”.

Alguém me disse numa ocasião que quando queria algo feito em seu trabalho freqüentemente repetiria as mesmas instruções ao empregado por três vezes e o faria repeti-las para ele. Mesmo assim, às vezes a pessoa *ainda* falharia em realizar aquilo que lhe fora dito. Aquele que me disse isso era sócio em uma importante empresa de contabilidade, que, como seria de se esperar, contratava apenas os melhores. Mas se os melhores desapontam de tal forma, então não é de se maravilhar que os eficientes e competentes são conduzidos à presença de reis.

Um ministério lamentou por ter que implementar em sua política de contratos um período probatório de três meses para cada novo empregado. Isso porque muitas pessoas esperavam um tipo de tratamento bastante suave de uma organização cristã, e assim elas chegavam tarde e saíam cedo e, entretanto, ficavam sonhando acordadas. Mas os cristãos devem exibir excelência naquilo que fazem, ou se lhes falta habilidade ou talento em uma determinada área, deveriam ao menos mostrar esforço sincero.

A tentação para mim, nesse ponto, é me enraivecer com relação à incompetência e ao trabalho ético pobre de muitos que se dizem cristãos. Mas visto que fixamos nossa atenção em Provérbios 23:7, devemos guardar esse tópico para outra hora e movermos adiante.

Kidner sugere que em 23:1-8, “o que aspira com suor à ascensão social é gentilmente zombado”.⁵ Quer a pessoa já esteja “suando” ou esteja sendo meramente alertada antecipadamente, os versículos 1-3 de fato mostram-no como alguém que escalou uma grande distância na pirâmide social. Agora, enquanto ele come com uma “autoridade”, a Sabedoria reclama atenção e oferece conselhos.

Pessoas que ocupam posições altas são muito ocupadas – elas têm muitas agendas ambiciosas e sofrem pressões de todos os lados, e se têm tempo para isso de qualquer forma, devem também considerar as necessidades de seu povo. Todos os seus movimentos são políticos e calculados, e tudo o que fazem deve contribuir para a sua agenda geral.

Isso não é sempre tão sinistro quanto parece. É de fato possível para um alto oficial, um rei, ou um presidente, servir com a intenção de glorificar a Deus e edificar o povo. Mas para tal indivíduo raro sobreviver e alcançar sucesso em sua posição deve ser o mais inteligente possível, discernindo as intenções dos homens e os efeitos de suas ações. Todas as pessoas que ocupam altas posições em todas as esferas da sociedade devem ser “astutas como as serpentes”, mas os crentes também precisam ser “sem malícia, como as pombas” (Mateus 10:16).

Não obstante, permanece o fato de que pessoas ocupantes de altas posições são políticas e calculistas. A maioria é composta de descrentes, e suas intenções estão longe de ser santas. No mínimo, alguém poderia notar que todos os seus movimentos contribuem para um propósito político além daquele que pode aparentemente servir.

Eles ajudam os pobres não necessariamente – e nunca *apenas* – porque querem ajudá-los. Para o bem ou para o mal, é um movimento calculado. Eles suportam medidas duras contra os criminosos não apenas porque querem garantir a sua proteção, mas certamente gostariam que você pensasse dessa forma. E quando se voltam para advogar os direitos desses mesmos criminosos, eles não estão interessados em patrocinar justiça para todos, mas certamente gostariam que você pensasse dessa forma também.

Todos os movimentos são calculados; todas as ações têm um propósito. A relevância para a nossa passagem é que isso também se aplica àqueles a quem eles convidam para jantar. Ela nos ensina que quando alguém do alto escalão o convida para jantar, ou para ser seu convidado em um partido ou função especial, provavelmente não é em razão de pura hospitalidade. Ele provavelmente quer algo de você, ou talvez pense que você possa contribuir de alguma forma com a agenda dele.

No mínimo, a forma como você se comporta será observada e anotada. Dessa maneira, é preciso se aperceber da significação da ocasião, e considerar quem e o que está diante de você. É preciso ser muito cauteloso com aquilo que diz e que faz. Nossa passagem observa que isso inclui o quanto se deve comer. Ela diz que é especialmente importante se você é facilmente tentado ao excesso.

Se pudéssemos generalizar, quando ao entrar em uma situação conforme a descrita aqui, seria sábio tornar-se cauteloso com os hábitos vergonhosos e as fraquezas de alguém, e exercitar moderação extra nessas áreas. Deve-se evitar ofender o anfitrião com conversa

⁵ Derek Kidner, *Proverbs* (InterVarsity Press), p. 151.

tola e comportamento não refinado, ou falar ou fazer qualquer coisa que implicaria em alguém ser inadequado para importantes tarefas e posições.

Dependendo das intenções do anfitrião, o banquete à sua vista pode ser claramente “enganador”, ou pode ser um gesto sincero de hospitalidade. De qualquer forma, o homem sábio observa seus convidados – o convidado sábio sabe disso, e o observa de volta:

LUCAS 7:36-50

Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa. Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma ‘pecadora’, trouxe um frasco de alabastro com perfume, e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas. Depois os enxugou com os cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume.

Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma ‘pecadora’”.

Então lhe disse Jesus: “Simão, tenho algo a lhe dizer”.

“Dize, Mestre”, disse ele.

“Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?”

Simão respondeu: “Suponho que aquele a quem foi perdoada a dívida maior”.

“Você julgou bem”, disse Jesus.

Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: “Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que cheguei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume aos meus pés. Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados; pois ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama”.

Então Jesus disse a ela: “Seus pecados estão perdoados”.

Os outros convidados começaram a perguntar: “Quem é este que até perdoa pecados?”

Jesus disse à mulher: “Sua fé a salvou; vá em paz”.

Novamente, embora os versículos 1-3 nos ensinem o que é especialmente importante quando se está lidando com pessoas de altas posições, e com alguém com a autoridade

de estabelecer ou quebrar uma pessoa, o princípio geral é aplicável não apenas em tal situação potencialmente perigosa e “enganosa”, mas mesmo quando interagimos com um indivíduo que não seja tão importante.

Para ilustrar, há vários anos atrás alguém me perguntou se poderia trabalhar comigo como voluntário.⁶ Na medida em que já tínhamos nos conhecido por algum tempo, não houve necessidade de apresentações formais e referências. O problema era que baseado em interações anteriores, eu estava ciente de algumas falhas que fariam dele um recurso ineficaz, se não um estorvo, para o ministério.

Ele tinha diversos problemas que o desqualificavam, mas mencionarei apenas os comparativamente menores aqui, visto que eles são precisamente os que ocupam nossa atenção por hora, até mesmo coisas como o quanto uma pessoa come quando está jantando com alguma autoridade.

Eu lhe disse que daria a oportunidade de demonstrar que ele havia se tornado uma pessoa organizada e responsável. Como seu ministro, embora eu o tenha confrontado repetidamente sobre questões maiores anteriormente, deixei passar por algumas menores, já que éramos ainda meramente conhecidos. Todavia, agora que ele tinha pedido para trabalhar comigo, apesar de apenas como voluntário, eu lhe disse que iria tratá-lo dentro dos estritos padrões deste ministério.

Novamente, aqui não tenho em mente aquelas coisas que obviamente desqualificariam uma pessoa, como drogas e violência. Eu lhe disse para me mandar um documento com o original por cima, a cópia por baixo e o papel carbono entre os dois. Disse-lhe explicitamente para não reter a cópia para si mesmo, mas que a mandasse também. Ele não ouviu – mandou-me o original sem a cópia, mas ao menos incluiu o papel carbono!

Disse-lhe para obter algumas informações do *Boston City Hall*. Ele procrastinou até que eu pedisse novamente. Aqui vai uma dica: quando você trabalha para alguém, uma vez que a pessoa lhe pediu algo, não deveria ter que pedir novamente. A menos que haja algum problema especial ou planos anteriores, a próxima vez que o assunto for trazido a lume deve ser quando você entregar o que lhe fora pedido, e isso de forma pontual. De qualquer maneira, eu lhe pedi novamente, e então ele foi e encontrou para mim a informação errada.

Então, a pontualidade é uma questão sempre importante para mim. Não se trata apenas de respeitar o tempo do outro, embora seja uma parte disso, mas quando você diz a alguém que irá encontrá-la em determinado horário, você lhe dá a sua palavra.⁷ E se a sua palavra não é boa, então você não é bom. Se você diz que vai fazer algo, então faça acontecer.

Com essa pessoa, era comum acontecer dela concordar em se encontrar comigo em certa hora, e então quando chegava atrasado, me dava toda sorte de desculpas. Mas todos os problemas que mencionava poderiam ser evitados se ela tivesse planejado chegar *antes*, como eu sempre faço com qualquer compromisso, em vez de apenas

⁶ Para proteger a identidade da pessoa, alterei diversos detalhes não essenciais para a ilustração.

⁷ O fato de que algumas pessoas não pensam sobre a pontualidade dessa forma já diz o bastante. Elas consideram apenas promessas formais como obrigatórias, e não a sua fala ordinária. A palavra delas é barata. Veja Vincent Cheung, *The Sermon on the Mount*.

planejar chegar na hora, se é que ao menos isso. Se bem me recordo, depois de algumas admoestações, ele corrigiu isso, o que foi louvável.

Passando mesmo aos pequenos detalhes, eu observei o modo com que ele colocava os selos nos envelopes que iria me enviar. Estavam tortos e por todo o lugar. Os envelopes estariam geralmente dobrados de alguma forma, e algumas vezes eu encontrava manchas de café neles. Agora, a menos que ele respeitasse outra pessoa muito mais do que a mim, eu poderia só imaginar como ele trataria aqueles com quem se corresponderia junto a este ministério.

Eu lhe disse para não usar letras pequenas quando me mandava e-mails – ele não ouviu. Disse-lhe para dividir os parágrafos de suas mensagens para mim de forma logicamente organizada – ele juntava tudo em um bloco de texto gigante. Disse-lhe que não gostava de abreviações – ele as usava freqüentemente.

Eu lhe disse para falar claramente, expondo pensamentos completos com sentenças completas: “Declare o sujeito e objeto, e os relacione adequadamente, de forma que eu saiba quem está fazendo o que para quem!” É incrível como muitos formados em faculdade não podem fazer isso. Mas com seus lábios murmurantes e seus desvios de olhar, eles irão testar sua paciência até seus limites. Para conseguir uma mensagem coerente deles, você precisa ser um Sócrates moderno, perguntando questões experimentais para guiar suas respostas e extrair a informação necessária delas.

Detalhes como esses foram se acumulando a tal ponto que eu cheguei a pensar: “Ele realmente se importa com o trabalho? Ele tem o mínimo de competência suficiente para completar mesmo a mais simples tarefa?” Desnecessário dizer, eu não o aceitei como voluntário. E se devo ser rígido assim com um voluntário (embora entenda que minhas exigências foram razoáveis), certamente jamais pagaria uma pessoa assim para trabalhar comigo no ministério. Ainda menos uma pessoa como essa, a quem falta o mais básico nível de competência e disciplina, deveria ser permitida para ensinar coisas espirituais.

Todos deveriam ser ensinados e treinados nessas coisas enquanto criança – ou seja, falar claro, apresentar-se limpo, sempre chegar cedo, seguir instruções, e assim por diante. Esses deveriam ser hábitos gravados no momento que uma pessoa atinge sua adolescência, se não muito antes. De vez em quando poderia haver algum gênio mau não refinado e desorganizado, mas maus gênios são raros, e o restante não tem desculpa.

Quando ele chegou a ser jovem, aquele sócio bem sucedido naquela grande empresa de contabilidade, a quem mencionei antes, teve suas lições a aprender também. Ele se exercitou muito bem, quase à perfeição, em todas as coisas que mencionei até aqui. Mas, nascido em uma família pobre, ele não conhecia as maneiras da alta sociedade. Como recém contratado, foi convidado a um coquetel organizado pela companhia. Ele estava empolgado, mas também bastante nervoso, visto que raras vezes tinha se encontrado em situações como essa. Então ficou mais do que um pouco envergonhado quando alguém que lhe era parceiro na firma àquele tempo veio pela sala e o censurou por usar meias brancas com seus sapatos pretos na festividade. Ele me disse que seu parceiro estava correto – fizera-lhe um favor em contar isso. Se ele iria circular por entre aquelas pessoas, então isso era algo que precisava saber.

Quando criança, meu pai me repreenderia severamente todas as vezes que eu bocejasse ou desviasse o olhar enquanto ele estava me dizendo instruções sérias. Agora, estava sendo ele muito rígido, ou me era suposto aprender isso depois, ao ofender uma pessoa de alta posição, perdendo meu favor para com ela? Então, minha mãe acrescentou a isso que eu sempre mastigasse com a boca fechada. Eles me levaram para jantar em hotéis caros – para me ensinar coisas como talheres de prata a serem usados em pratos diferentes, e por que leva três horas para comer uma refeição francesa que me deixava com mais fome do que antes de comê-la – a fim de que eu me tornasse perfeitamente acostumado com tais coisas e não me envergonhasse mais tarde em minha vida.

Posteriormente, eles me enviaram a uma escola que diariamente impunha em seus alunos os hábitos de um cavalheiro. Por exemplo, um código formal de se vestir (casaco, gravata, calças, vestir sapatos) era imposto para as aulas, refeições e capela. E quando estava muito quente, era-nos exigido pedir à professora encarregada e avisar as garotas antes de tirar nossos casacos. Estas tinham que usar agasalhos, vestidos longos, e vestir sapatos. Diferente de alguns lugares, os costumes de meretrizes foram desaprovados.

É verdade que todo esse treino se voltava a coisas relativamente superficiais, e não foi até Deus soberanamente mudar-me por sua graça que eu comecei a conhecer a verdade e a misericórdia em meu coração. Você pode colocar um *smoking* em uma pilha de esterco molhado de cavalo, e isto é o que penso da elite não cristã. Não se pode esconder o perfume impressionante de um homem espiritual, e menos ainda de Deus. Todavia, as Escrituras (especialmente em Provérbios) dão um espaço para essas coisas como as lições para aprender a fim de que alguém sobressaia na sociedade humana, e elas realmente ajustam o verdadeiro cavalheiro que faz tudo no temor do Senhor e para a sua glória.

Você está errado se pensa que nós nos distanciamos de Provérbios 23:1-3. Além de lhes dizer para controlar seus apetites em ocasiões sensíveis e em frente de pessoas importantes, estivemos considerando algumas outras coisas relacionadas que os pais deveriam ensinar a seus filhos enquanto estes ainda são jovens. É claro, a maioria dos adultos deveria rever algumas dessas lições também, quer dizer, se é que eles chegaram a aprendê-las uma primeira vez. Nossa passagem se refere a agir com discrição em uma situação potencialmente enganosa e perigosa (por causa do poderoso personagem nela envolvido), enquanto que também consideramos diversas outras áreas ao aplicar o princípio geral, de que deveríamos agir com discrição, pois nossas ações são freqüentemente observadas pelas pessoas, e do que elas notam fazem inferências sobre nosso pano de fundo, caráter e competência.

Um propósito de Provérbios é “dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso” (1:4 KJV). O oposto do materialismo não é barbarismo. Apenas porque nós, como cristãos, devemos ser “espirituais”, não significa que também devemos ser vagabundos e relaxados. Ao menos, devemos aprender a agir em todos os níveis da sociedade – não muito refinados para abraçar os pobres e desprezados, e não muito rudes para impressionar os ricos e poderosos. Davi foi um que obteve a confiança dos excomungados (1 Samuel 22:2), mas também ganhou favor dos reis (1 Samuel 18:1-5).

Não obstante, como os dois versículos seguintes de Provérbios nos dizem (23:4-5), não importa o quão duro você tente, e o quanto de cuidado e discrição você exiba em seu

trabalho, riqueza, *status* e prosperidade podem fugir a qualquer momento. Há inúmeras formas disso acontecer. Você poderia ofender alguém que lhe poderia causar problemas. Talvez aqueles de quem você depende para sua riqueza e *status* não têm mais nenhum uso para fazer de você. Ou talvez algum desastre destrua tudo o que você acumulou. Às vezes será porque você cometeu algum erro, ou poderia nem ser sua culpa de qualquer forma. De fato, riqueza, *status* e o favor dos homens podem desaparecer precisamente porque você insiste em fazer o certo.

Considere José. Ele ilustra perfeitamente Provérbios 22:29-23:1-3. Ele era competente e eficiente em seu trabalho, e mostrava grande discrição, de forma que foi promovido para administrar toda a casa de Potifar e todas as suas possessões (Gênesis 39:1-6). Mas quando ele resistiu às seduções da mulher de seu mestre, foi falsamente acusado de agredi-la e foi lançado à prisão (v. 7-20). Mais rápido do que sua promoção, foi a sua perda de *status*, sua prosperidade, seu ambiente confortável, e até mais importante que isso, seu bom nome. Assim, ele também ilustra Provérbios 23:4-5: “As riquezas desaparecem assim que você as contempla; elas criam asas e voam como águias pelo céu”.

Daniel “era fiel; não era desonesto nem negligente” (6:4), de forma que “o rei planejava colocá-lo à frente do governo de todo o império” (v. 3), mas seus inimigos montaram uma armadilha para ele. Em um momento, ele estava no topo de seu poder (v. 1-3), mas no próximo instante, foi lançado na cova dos leões (v. 16). Nesse instante, ele foi absolvido e restaurado, mas isso serve apenas para ilustrar novamente a natureza instável da prosperidade material. Em sua história, apenas a graça de Deus e a fé de Daniel foram constantes. Também considere Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Daniel 3). Deus foi fiel para com seus eleitos mesmo durante o seu exílio, mas riqueza, *status* e prosperidade vêm e vão.

Isso é verdade não apenas quando falamos de negócios e política, mas o mesmo se aplica quando nos referimos ao ministério. Neste, a fidelidade das pessoas e o suporte financeiro podem vir e ir, às vezes devido a nenhuma falta sua, e freqüentemente porque você insiste em fazer a coisa certa.

Uma mulher se tornou uma apoiadora fervorosa de meu ministério há anos atrás por ter ouvido as minhas palestras gravadas.⁸ Ela não estava apenas empolgada sobre os ensinamentos que estava recebendo e recomendando a outros, mas também passou a fazer doações regulares. Tais doações eram grandes o suficiente para afetar minhas atividades. Além disso, porque tinha um negócio no ramo varejista, ela era capaz de me conceder uma porção de coisas úteis da sua companhia.

Seu apoio e entusiasmo nunca afrouxaram, mas até mesmo cresciam com o passar do tempo. Mas então ela passou a ouvir os ensinamentos de um proeminente tele-evangelista. Algumas de suas doutrinas eram abertamente heréticas. Quando soube disso, gentilmente alertei-a sobre ele, e mostrei-lhe inúmeros exemplos de como os ensinamentos dessa pessoa fugiam de doutrinas bíblicas centrais, e como ele constantemente abusava das Escrituras fazendo falsas inferências sobre elas.

⁸ Para proteger a identidade da pessoa, alterei diversos detalhes não essenciais para a ilustração.

Ela ficou chocada e ultrajada, não com as heresias do tele-evangelista, mas pelo fato de eu falar contra ele. Não importava para ela se eu estava certo ou errado sobre suas doutrinas, mas tê-la alertado contra ele foi o suficiente para indicar que eu estava errado. Ela me disse que não mais daria suporte ao meu ministério. Eu me ofereci para reembolsá-la de uma doação suficientemente grande que me fizera, e ela aceitou. Nunca mais ouvi falar a seu respeito.

Assim, num dia – na verdade, no espaço de alguns minutos – eu perdi uma apoiadora zelosa e uma fonte significativa de recursos. Eu sabia que isso era uma possibilidade quando decidi alertá-la, visto que entendia aquilo que estou ilustrando aqui. Então sua reação não me surpreendeu, mas ainda assim isso foi decepcionante. Ela nunca havia recebido qualquer ensino bíblico sólido antes de descobrir o meu ministério, então talvez não tenha havido tempo suficiente para ela desenvolver o discernimento. Ou talvez seu coração nunca tenha sido verdadeiramente convertido à verdade. Qualquer que seja a razão, eu faria a mesma coisa mesmo se soubesse que essa seria a forma que ela teria reagido. Eu sou um pastor, não um prestador de serviços. Se não pudesse fazer meu trabalho, não teria direito ao suporte dela e a seu dinheiro em primeiro lugar.

Outro incidente ocorreu quando eu era estudante na faculdade. Uma mulher ouviu meu programa no Boston's WROL e me telefonou. Ela era a diretora do coral de sua igreja, e me disse que poderia provavelmente me conseguir um convite para pregar lá. Tudo estava indo bem até que ela me disse com grande ressentimento que deixara sua igreja anterior porque o seu pastor cancelara um programa de proteção aos animais que a igreja não tinha dinheiro para manter. Quando disse concordar com seu pastor e disse a ela que parecia estar acolhendo muita amargura em seu coração, ela gritou comigo, amaldiçoou o meu programa de rádio, e desligou o telefone.

Reações como essas nunca me surpreendem, e se você ainda não adivinhou, eu lhe darei as razões bíblicas para isso em um minuto; todavia, elas sempre são decepcionantes para a experiência. Nenhuma dessas mulheres rejeitou meu ministério por causa dos meus ensinamentos e do meu caráter. Na verdade, ambas aprovaram minha doutrina e gostaram de meu estilo de ensinar. Elas se voltaram contra mim porque contradisse algumas de suas preferências e opiniões fortemente arraigadas.

É claro, nem todos perdem riqueza e favores porque insistem em fazer o certo, mesmo porque muita gente perde tudo por se portar de forma tola e pecaminosa. O ponto é que a riqueza, *status* e prosperidade podem facilmente vir e ir quer você seja justo ou injusto, e não importa se você está lidando com crentes ou incrédulos.

Há um comentário intrigante ligado ao fim de João 2, isto é, após Jesus ter tornado água em vinho: “Enquanto estava em Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos viram os sinais miraculosos que ele estava realizando e creram em seu nome. Mas Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos. Não precisava de ninguém que lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem”. Eu li isso quando era ainda muito jovem, e nunca me esqueci. Jesus não se comprometia mesmo com aqueles que acreditavam nele. Por quê? Porque “ele bem sabia o que havia no homem”.

Visto que a palavra “crer” é usada nas duas ocorrências, o versículo poderia ser assim traduzido: “Eles *creram* nele, mas Jesus não *creu* neles”. É verdade que ao menos alguns deles eram provavelmente falsos crentes, declarando seguir a Cristo quando não

tinham fé genuína. Mas isso apenas reforça a idéia. Jesus não se deixava levar por causa da sua popularidade. Ele sabia daquilo; embora a fama e os favores fossem crescer ainda mais por algum tempo, dentro em breve muitos não mais o seguiriam (João 6:66). Quanto àqueles que permaneceram, “Está escrito: “Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas” (Marcos 14:27). E foi isto o que aconteceu.

Num lugar, Paulo escreveu: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram” (2 Timóteo 4:16). Não foram os incrédulos que o abandonaram, pois eles nunca estiveram com Paulo em primeiro lugar. Não, *cristãos* o abandonaram. Foram *cristãos* que o deixaram defender-se por si mesmo. Talvez alguns deles fossem falsos conversos, mas essa possibilidade tem apenas relevância prática limitada. Assim como há falsos crentes e cristãos fracos em nosso meio – não é sempre fácil distingui-los, e mesmo aqueles que parecem ser fortes são frequentemente revelados como fracos quando sob pressão – é também possível que eles nos abandonarão em nossos maiores tempos de necessidade.

Alguns cristãos seguem a multidão. Eles são intimidados e influenciados por ela. Então quando um ministro é amplamente criticado, alguns crentes darão as suas costas para ele, mesmo se tinham o costume de apoiá-lo. Eu tive experiência disso, também. Com frequência, tanto a multidão quanto os desertores são cristãos. E quando a onda de críticas passa, ou quando a pessoa volta a ganhar prosperidade, alguns dos desertores podem voltar. Mas esse tipo de apoio é enganoso e sem valor.

Você já leu a história de Sansão (Juízes 15)?⁹ Três mil covardes de Judá vieram para entregá-lo, o seu próprio libertador ungido, para os inimigos de Deus. Como sempre, Sansão foi destemido, mas ele fez o povo prometer-lo que não iria matá-lo antes de entregá-lo nas mãos dos Filisteus. Que ele teve de pedir isso apenas acentua a sua coragem e a covardia deles.

Assim, mesmo o povo de Deus pode ser instável e fraco. Mas esse é o porquê da maioria deles ser seguidora por toda a sua vida, e também porque precisam de bons pastores para direcioná-los e ensiná-los, a fim de que não sejam dispersos.

Se você está satisfeito em ser apenas um eco no ministério, repetindo as opiniões populares dos outros, nunca contradizendo estimadas tradições, então pode apenas ser parte da multidão. Mas se for o caso de você ser um líder forte e de fazer grandes coisas para o reino de Deus, terá que se ajustar a essa realidade, que você não pode colocar a sua confiança nas pessoas, nem mesmo nos cristãos.

Na verdade, diversos homens de negócios cristãos me disseram que se deve ser duas vezes mais cauteloso ao lidar com aqueles que alegam ser cristãos. Eles são, geralmente, os primeiros a abandoná-lo, a apunhalá-lo pelas costas e a desaparecer com o seu dinheiro. Mas muito antes deles me contarem as suas experiências, e mesmo desde que eu era um adolescente, isso era o que eu dizia às pessoas que começavam um novo trabalho e aventuras nos negócios. Aprendi na Bíblia que não se pode confiar nas pessoas.

⁹ Veja Vincent Cheung, *Sansão e sua Fé*.

Pense sobre isso, eu nunca ouvi nenhum homem de negócios me dizer que todas as pessoas são basicamente boas e dignas de confiança, e que o caminho para o sucesso nos negócios é confiar nos outros. Assumo que há pessoas que pensam dessa forma, mas simplesmente não encontrei nenhuma delas até agora. Talvez a maioria já esteja fora dos negócios?

Não importa quão patético, grotesco, extremo, ou horrível, toda instância da depravação humana é meramente outra ilustração daquilo que as Escrituras constantemente ensinam sobre a natureza pecaminosa do homem. Assim, embora possamos nos sentir desapontados e mesmo ultrajados sobre algumas coisas que as pessoas fazem, nunca devemos nos surpreender pela fraqueza e iniquidade do homem, mesmo exibidas naqueles que alegam seguir a Cristo. Surpreender-se significa que ou nós não lemos a Bíblia, ou que não acreditamos nela.

Seja nos negócios ou na política, mas especialmente no ministério, um líder deve aceitar o fato de que as pessoas são fracas sem que se tornem amargas por causa disso. Sempre haverá covardes e fracos. Sempre haverá traidores e desertores. Desse modo Paulo escreveu: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram”, mas acrescentou “Que isso não lhes seja cobrado” (2 Timóteo 4:16). E tal é como eles simplesmente são, mesmo aqueles que se declaram cristãos, e se isso puder fazer com que pensemos melhor a respeito deles, muitos desertores são apenas fracos, e não maliciosos.

Mas Paulo esperava coisas melhores de Timóteo: “Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, *nem de mim, que sou prisioneiro dele*, mas suporte comigo os meus sofrimentos pelo evangelho, segundo o poder de Deus” (2 Timóteo 1: 8). Pelo poder da Palavra e do Espírito, alguns crescerão e serão indivíduos fortes e confiáveis, capazes de conduzir outros à maturidade. Todavia, isso não é comum.

Esta visão fria da lealdade humana pode ser deprimente para alguns, mas é o que as Escrituras revelam sobre as pessoas. Cristãos deveriam e poderiam ser melhores do que isso, mas freqüentemente não o são, ou ao menos não ainda.

A opinião popular nos encoraja a confiar nas pessoas, pois somente então poderemos ter relacionamentos saudáveis e alcançar sucesso. Infelizmente, mesmo muitos crentes têm aceitado isso, e assumem que esta é a atitude bíblica. Todavia, as Escrituras nos ensinam o oposto, admoestando-nos a não colocarmos confiança no homem.

Assim diz o SENHOR: “Maldito é o homem que confia nos homens, que faz da humanidade mortal a sua força, mas cujo coração se afasta do SENHOR. Ele será como um arbusto no deserto; não verá quando vier algum bem. Habitará nos lugares áridos do deserto, numa terra salgada onde não vive ninguém.

“Mas bendito o homem cuja confiança está no SENHOR, cuja confiança nele está. Ele será como uma árvore plantada junto às águas e que estende suas raízes para o ribeiro. Ele não temerá quando chegar o calor, porque as suas folhas estão sempre verdes; não ficará ansiosa no ano da seca nem deixará de dar fruto”.

O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo? (Jeremias 17:5-10).

É na base dessa admoestação, que nós não devemos ter confiança no homem, que as Escrituras também nos instruem no que diz respeito à única alternativa apropriada. Retornando a Jesus e a Paulo, o primeiro não apenas diz: “Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinhos”, mas também acrescentou: “mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo” (João 16:32). E depois de dizer: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar. Todos me abandonaram”, Paulo escreveu: “Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças” (2 Timóteo 4:16-17). Esse é o porquê de não nos desesperarmos pelo fato de que as pessoas não são confiáveis, porque Deus é sempre confiável, e nós colocamos nossa confiança nele apenas.

Você pode perguntar, se as pessoas não são confiáveis de forma geral, e se ninguém é perfeitamente digno de confiança, então é ainda possível mantermos relacionamentos saudáveis e significativos? Como podemos funcionar na sociedade de alguma forma? Em resposta, precisamos reforçar em vez de relaxar o ensino bíblico sobre a depravação humana, mas então também fazer uma aplicação apropriada dele, de forma que não neguemos o tipo de relacionamento que a Escritura nos encoraja.

O que estamos dizendo aqui não é fundado em um tipo de cinismo baseado na experiência, mas é a Escritura que nos ensina sobre a impiedade e falsidade do homem. Ela nos ensina a ser “astutos como as serpentes” (Mateus 10:16) e “acautelai-vos dos homens” (v.17). Embora essas expressões apareçam dentro de um contexto definido, e nós não desejaríamos universalizá-las ilegitimamente, elas também competentemente representam o que outras partes da Bíblia nos dizem sobre o lidar com pessoas.

Alguns relacionamentos não requerem confiança total em primeiro lugar. Por exemplo, confiança total em uma transação de negócios não é necessária, e, dada a realidade do pecado, é claramente uma tolice. Mesmo se você confiar na outra pessoa completamente, ela certamente não confia em você da mesma forma, isto é, a menos que seja tola igual a você.

Além disso, transações de negócios são levadas a cabo na maioria das vezes por motivos financeiros e práticos, e impedidas de fracassos por meio de contratos legais, auto-preservação, interesses egoístas a longo termo, e assim por diante. É claro, cristãos não deveriam fazer destes seus motivos primários para conduzir os negócios, mas a realidade é que essas são as motivações que sustentam o mercado, e as transações continuariam mesmo se houvesse quase total desconfiança.

Mas e sobre relacionamentos que pretendem ser mais íntimos e duradouros, tais como aqueles dentro da família e da igreja? Devemos estar sempre com suspeitas? Devemos duvidar de tudo o que nos é dito? É necessário esperar o pior de todos, mesmo dos membros de nossas famílias e dos nossos amigos crentes?

Não, porque esses relacionamentos são diferentes daqueles travados nos negócios. O propósito imediato nos negócios é fazer lucro, e evitar enganos e desapontamentos está acima de tudo. Apenas um tolo continuaria um relacionamento de negócios em que ele é

repetidamente enganado e desapontado, *mesmo se* ele mantiver relacionamentos pessoais com aqueles que o enganaram e o desapontaram.

O propósito e a expectativa de se manter relacionamentos na família e na igreja são diferentes. Nessas relações mais íntimas, amor sacrificial deve dominar, e não deveríamos nos concentrar em como nos beneficiar das outras pessoas. Nós não negociamos ou barganhamos constantemente, e não regulamos tais relacionamentos com contratos, e não os forçamos em uma corte. Em verdade, se fôssemos tratar essas relações como aquelas nos negócios, nós as destruiríamos.

Em vez disso, aqueles que entendem a natureza humana reconhecem a natureza do pecado mesmo em seus relacionamentos íntimos, e *esperam* ser ocasionalmente enganados e desapontados até mesmo por membros da família e amigos crentes – às vezes em razão de sua inabilidade, e às vezes devido mesmo à malícia. E quando o pecado aparece nesses relacionamentos, não lidamos com eles como faríamos nos negócios.

Como dizem as Escrituras: “O fato de haver litígios entre vocês já significa uma completa derrota. Por que não preferem sofrer a injustiça? Por que não preferem sofrer o prejuízo?”. Assim, quando perguntados sobre como manter relacionamentos saudáveis com as pessoas quando elas são tão pecaminosas, e quando seremos enganados e desapontados por elas, nós respondemos: “Você entra nesses relacionamentos com a intenção de amar, dar, e construir, e *espera* ser ocasionalmente tratado com desprezo, traído, trapaceado, e de outra forma desapontado”.

Claro, nós podemos tomar certas medidas para nos proteger, minimizar danos e perdas desnecessárias. Por exemplo, pode ser uma má idéia emprestar dinheiro para um certo parente conhecido por seu vício em drogas, e não seria sábio travar negócios com um cristão professo conhecido por suas práticas antiéticas. Ainda assim a motivação primária não seria lucro ou auto-preservação, mas companheirismo e edificação.

À medida que nos tornamos mais ávidos por camaradagem e comunhão, não devemos construir nossos relacionamentos com uma visão do homem que contradiz o ensino bíblico. Em vez disso, devemos sempre reconhecer a sua depravação, e para os crentes, também a progressiva natureza da santificação. Agora, então, a chave para ter relacionamentos saudáveis e ao mesmo tempo reconhecer a realidade do pecado é colocar nossa confiança em Deus e não no homem.

Se Cristo é o elo e o amor é o motivo, relacionamentos íntimos e significativos são possíveis mesmo que percebamos que nem mesmo um só homem pode legitimamente merecer nossa total confiança. Se essa é a base para os nossos relacionamentos, então teremos também um fundamento firme sobre o qual podemos perdoar aqueles que pecam contra nós.

Nossa confiança seria em Cristo apenas, e a amizade que estendemos aos outros vem da motivação do amor, e não do lucro ou da auto-preservação. Tal motivo não pode facilmente ser revertido em medo, raiva, ou cinismo, visto que não está contando com que a outra pessoa seja perfeita, e não requer dela que nos seja a fonte de força e alegria, pois já obtivemos essas coisas junto a Cristo.

Confiar apenas em Deus significa que nunca dependeremos do homem para algo que ele nunca pode dar em primeiro lugar. O resultado é que, em vez de evitar relacionamentos íntimos e significativos, este entendimento nos dá a liberdade e a coragem de buscar aqueles relacionamentos que são os mais profundos possíveis mesmo com pessoas imperfeitas e pecaminosas, relacionamentos que não são facilmente destruídos pelo pecado. Isso porque, desde o início, não mentiríamos para nós mesmos que a outra pessoa não tem pecados ou faltas, ou no que diz respeito a isso, que nós mesmos sejamos perfeitos. Mas perceberíamos que só Deus é perfeito, e que apenas ele é completamente digno de confiança e poderoso, tanto desejando como sendo capaz de levar a cabo todas as suas promessas.¹⁰

Para alguns, esta resposta bíblica produz outra questão. Ou seja, se Cristo é o único elo apropriado entre relações humanas significativas, e o amor cristão é o único motivo adequado, então se segue que não pode haver relacionamentos profundos e sinceros entre os não-cristãos, ou entre estes e os cristãos?

Afirmamos isso sem hesitação. Quando os compromissos últimos entre duas partes são diretamente opostos, ou quando são ambos maus, o amor genuíno, paz, e esperança são sempre impossíveis.¹¹

Reconsideraremos nossa preocupação com o cinismo novamente e a acrescentaremos à nossa resposta, mas por ora precisamos relacionar novamente tudo o que dissemos nesta seção com o contexto da nossa passagem, Provérbios 23:4-5.

O versículo 5 diz que as riquezas são passageiras, que coisas tais como fortuna, *status* e prosperidade não são confiáveis. Há inúmeras maneiras pelas quais o sucesso material pode desaparecer da noite para o dia, mas nós nos focamos sobre a instabilidade e desonestidade *humanas*, principalmente porque os versículos ao redor enfatizam como as pessoas podem complicar situações por causa de seus enganos e motivos escondidos (versículos 1-3, 6-8).

O que é asseverado no versículo 5 provê a explicação para o versículo 4, que diz: “Não esgote as suas forças tentando ficar rico; tenha bom senso!” Há algumas questões relativas à tradução em ambas as partes do versículo, mas especialmente quanto à última delas.

Todas as alternativas comuns são ensinadas em outras partes das Escrituras, e assim, nesse sentido, não há perigo doutrinário imediato. Por exemplo, a última parte do versículo tem sido traduzida de maneira variável “não apliques nisso a tua inteligência” (KJV), “tenha a sabedoria de mostrar moderação” (NIV),¹² e “deixe de considerar isso”

¹⁰ Considere o quanto isso ofereceria um firme fundamento para um relacionamento matrimonial. Sob essa base, a pessoa iria considerar Deus como a fonte, o provedor, e o elo, e o motivo primário não é ver como ela pode se beneficiar desse relacionamento, mas amar e ter cuidado da outra parte.

¹¹ Para exemplificar, se o cristão for discutir seu compromisso último com seu amigo não-cristão, este último deve oferecer uma reação desinteressada, protetora, ou mesmo hostil. Se o amigo reage de uma forma *sinceramente* agradável, como se compartilhasse esse compromisso último, então ele já é um cristão. Agora, se duas pessoas nunca podem concordar em um nível último, então não importa quão socialmente compatíveis elas possam parecer ser, definir isso como amizade profunda apenas denuncia a superficialidade de quem assim a define.

¹² Ver também ESV, REB, NRSV, NCV e CCNT (Jay Adams).

(NASB).¹³ A primeira opção significaria que a pessoa deveria deixar de determinar suas prioridades pela sabedoria humana, ou parar de aspirar as riquezas por meio da sabedoria humana. A segunda opção conduz à idéia de que é tolice perseguir algo tão passageiro e indigno de confiança como as riquezas, e então a pessoa deveria ter o bom senso de parar, ou seja, refrear-se de colocar toda a sua força para obter sucesso material. A terceira simplesmente significa parar de engajar a mente em como conseguir mais riquezas – parar de ser obsessivo por isso.¹⁴

Todas as três opções são consistentes com o ensino bíblico, e nenhuma faz violência ao contexto, de forma que a preocupação não é se a Escritura ensina qualquer uma delas, mas o que ela ensina *aqui*. Entre outros, sugiro os comentários de *Keil & Delitzsch* e o de Bruce Waltke se você está interessado com as considerações gramaticais. Eu dou preferência à segunda opção, conforme representada pela NIV, ESV, e outras.

Quanto à primeira parte do versículo, outras traduções além daquelas típicas foram sugeridas, mas elas eram um tanto quanto implausíveis. À parte das reflexões específicas da segunda parte, a primeira delas é clara e define a intenção dos versículos 4 e 5: “Não esgote as suas forças tentando ficar rico”.¹⁵

Fazendo uma revisão, vamos parafrasear aquilo que já aprendemos até agora (22:8 – 23:5): “Se você é competente e eficiente em seu trabalho, você não permanecerá junto às pessoas duvidosas, mas será levado à presença de reis e governadores. Agora, quando você jantar com tais pessoas importantes, deve refrear seu apetite se é dado à indulgência. Isso porque a festa não é apenas um gesto de hospitalidade, mas o anfitrião pode ter motivos secretos em seu coração. Ele o está observando, testando, e você deveria tomar cuidado para não ofendê-lo, ou fazer algo que o faça cair numa armadilha, ou incitá-lo a desprezá-lo. Todavia, não importa quão cuidadoso e discreto você seja, a riqueza é passageira. Vislumbre-a tão somente, e ela irá desaparecer. E porque a fortuna é tão incerta, não se empenhe demais para obtê-la, mas tenha sensatez de parar com isso”.

Agora nós temos contexto mais do que suficiente e um pano de fundo para entender os versículos 6-8. Eles comunicam diversas idéias que se sobrepõem aos versículos anteriores, mas que também nos dão contribuições únicas ao nos ensinar sobre a natureza humana e como lidar com as pessoas.

O versículo 6 se refere literalmente a alguém que tem “olhos maus” (KJV). A maioria das pessoas que ouviu esse termo o associaria com um uso mais recente, que se refere ao poder mágico de ferir ou amaldiçoar os outros com um vislumbre ou uma olhada penetrante. Mas esse não é o sentido bíblico.

Quando se trata de expressões como “um olho mau” ou “um olho que é mau”, “bons olhos”, “olhar generoso”, e assim por diante, muitas traduções modernas propõem as interpretações em vez das reais palavras do texto. E visto que “olhos maus” e outros termos correlatos poderiam significar levemente diversas outras coisas em outros

¹³ Ver também HCSB, e a Nova Bíblia de Jerusalém.

¹⁴ Há outros contedores menos sérios. Ver GNT, NLT, e a Bíblia de Jerusalém.

¹⁵ Uma vez que já tratei disso detalhadamente em outro lugar, vou me refrear aqui de repetir tudo novamente. Em vez disso, por favor, veja “O Reino em Primeiro Lugar” em *Doctrine and Obedience* e “Piedade com Contentamento” em *Piedade com contentamento*.

contextos, eles são freqüentemente interpretados diferentemente mesmo dentro da mesma tradução, tornando impossível fazer um simples estudo utilizando referência cruzada dos vários versículos que utilizam essas expressões. Por outro lado, a KJV parece ser mais literal e consistente ao traduzir “olhos maus” e termos relacionados.

Nosso primeiro exemplo vem de Deuteronômio 15:7-11. Na KJV, lê-se dessa forma:

Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas cidades, na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as mãos a teu irmão pobre; antes, lhe abrirás de todo a mão e lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade. Guarda-te não haja pensamento vil em teu coração, nem digas: “Está próximo o sétimo ano, o ano da remissão”, de sorte que os *teus olhos sejam malignos* para com teu irmão pobre, e não lhe dê nada, e ele clame contra ti ao Senhor, e haja em ti pecado. Livremente, lhe darás, e não seja maligno o teu coração, quando lho deres; pois, por isso, te abençoará o Senhor, teu Deus, em toda a tua obre e em tudo o que emprenderes. Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso, eu te ordeno: livremente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra.

O contexto deixa claro que a expressão “teus olhos sejam malignos” (v.9) significa “endurecer o teu coração”, “fechar a tua mão” e “não lhes dê nada”. O oposto disso é “abrirás a mão”, “emprestarás quanto baste para a sua necessidade”, e “não haja pensamento vil em teu coração”. A NASB traduz: “... e seu olho é *hostil* para seu irmão, e você não lhe dá nada”.

Descrevendo um povo sob a maldição de Deus, Deuteronômio 28:54-56 diz:

O mais mimoso dos homens e o mais delicado do teu meio, *seus olhos serão malignos* para com seu irmão, e para com a mulher do seu amor, e para com os demais de seus filhos que ainda lhe restarem; de sorte que não dará a nenhum deles da carne de seus filhos, que ele comer; porquanto nada lhe ficou de resto na angústia e no aperto com que o teu inimigo te apertará em todas as cidades. A mais mimosa das mulheres e a mais delicada do teu meio, que de mimo e delicadeza não tentaria pôr a planta do pé sobre a terra, *seus olhos serão malignos* para com o marido de seu amor, e para com o seu filho, e para com sua filha... (KJV).

“Seus olhos serão malignos” significa que essa pessoa que está comendo a carne de suas próprias crianças se recusaria a compartilhá-la com o resto de sua família. A NIV interpreta a expressão “não terá compaixão” (v.54) e “será mesquinha” (v.56).

Então, “são maus os teus olhos” (KJV) em Mateus 20:15 é traduzido como “você está com inveja” na NIV. Os trabalhadores que começaram no início invejaram o fato de que aqueles que chegaram depois receberam o mesmo salário. Similarmente, “olhos maus” (KJV) em Marcos 7:22 é traduzido como “inveja” na NIV. Em contraste, alguém que tem “olhos generosos” é aquele que “dá do seu pão ao pobre” (Provérbios 22:9, KJV). Ele é um “homem generoso” (NIV).

Assim, pensar que alguém com olhos maus é um “homem mesquinho” em Provérbios 23:7 não está errado, mas talvez seja muito fraco e incompleto no que falha em transmitir plenamente de que tipo de homem estamos a falar. Não se trata apenas de um mão-fechada, mas de uma pessoa dura e miserável – mesquinaria é provavelmente apenas um sintoma do seu espírito podre.

Ao lidar com tal pessoa, as Escrituras dizem, não *coma* ou *deseje* aquilo que ele lhe oferece. Isso porque ele não é a pessoa que mostra ser – ele não é como aparenta, mas “como ele *pensa dentro* de si, assim ele é” (NIV, margem).

Agora finalmente chegamos a 23:7. Deveria ser óbvio nesse ponto que o versículo não está ensinando pensamento positivo, ou que o homem tem algum poder misterioso de transformar ou aprimorar a si mesmo por meio do poder da sua mente. O versículo fala de algo inteiramente diferente. Está ensinando sobre comportamento social sagaz sob a luz da verdade a respeito da natureza humana.

A NIV traduz alguém com os olhos maus como quem é “um homem mesquinho” no versículo 6, e de forma consistente com isso, apresenta-o no versículo 7 como “quem só *pensa nos gastos*”. Mas isso poderia ser por demais esclarecedor, ainda que “*pensa*” aqui pode significar “*calcular*”. A ESV diz “pois ele é como quem está no seu íntimo a calcular”, e na margem “pois assim como ele calcula em sua alma, assim ele é”.

Como a segunda porção do versículo 7 explica, você não deve aceitar o que alguém com olhos maus lhe oferece porque, embora o encoraje a comer e beber, “seu coração não está contigo”. Ele não está simplesmente sendo hospitaleiro, mas tem um motivo escondido. Ele está tentando lhe causar uma impressão, quando na verdade tem outra coisa em mente. Ele não é o tipo de pessoa que aparenta ser, mas seu verdadeiro eu é revelado naquilo que está em seu pensamento, e pela forma que calcula custos e benefícios em tudo o que faz.

A passagem o está ensinando a discernir entre as aparências e a realidade nas relações humanas. As coisas não são sempre como parecem, e as pessoas não são sempre aquilo que aparentam ser. Então se há de veras qualquer indicação de que a pessoa é rude, vil, ambiciosa e calculista, tenha cuidado, e evite partilhar das coisas que ela lhe oferece. Se você comer de sua comida, aceitar seus presentes, e ouvir suas bajulações, estará em dívida com ela e será apanhado por sua armadilha.

Mas acima disso, o versículo 6 diz, “não *deseje* as iguarias que ele lhe oferece”. Quando você cobiça algo que outrem lhe oferece, você pode ser engodado, pode cair em uma emboscada, e ser manipulado. Quando deseja alguma coisa, é bem provável que comprometa seus princípios morais para obtê-la, ou proceda contra seu melhor julgamento. Portanto, ao encontrar alguém com os olhos maus, devemos não somente controlar nossas ações, mas também refrear nossos desejos.

Ignorar esta admoestação bíblica seria colocar-se em um grande revés. Quando a verdadeira natureza e propósito da pessoa forem revelados, todas as delicadezas que dela você aceitou e todos os agrados que você trocou com ela pareceriam agora revoltantes para você. O que você pensava que era um ato de generosidade não era mais do que um show, orquestrado para tirar seu proveito ou manipulá-lo de alguma forma.

Você foi tolo o suficiente para entrar no seu jogo, e agora é deixado ao arrependimento e desgosto.

Mas o versículo 8 seria aplicável mesmo se a pessoa fossem simplesmente insincera,¹⁶ e mesmo se ela não tivesse um propósito imediato em usá-lo ou aproveitar-se de você.

Uma vez meus pais me levaram a uma festa semi-formal de Ano Novo. Naquela época eu ainda freqüentava o colégio – um internato – e estava em casa para as férias de Natal, as quais acabariam no começo de janeiro.

Como sempre me sentia nessas ocasiões, a festa estava chata, e as conversas superficiais. Eu não queria estar lá, e não havia lugar para se esconder e ler. Mas a comida estava fantástica! Agora, se eles me deixassem sozinho e me permitissem ficar concentrado no *buffet*...

Ah! Essa mulher, que parecia estar andando atrás de algum lugar ou de alguém, repentinamente parou próxima a mim, lançou-me um grande sorriso, e perguntou: “Você não é filho de fulano e beltrano”? Eu acenei com a cabeça, engolindo habilidosa e imperceptivelmente o pedaço de salmão defumado que eu acabara de colocar na boca.

Nós trocamos alguns gracejos sem significado que foram esquecidos quase tão logo após serem ditos. Ela então começou a me fazer diversas perguntas sobre minha vida escolar, mas durante todo o tempo seus olhos estavam andando a esmo por todo o salão, mas mais intensamente sobre a área atrás de mim.

Por diversos minutos, ela manteve um aparente interesse em nossa conversação. Logo que pensei que ela deveria ter tido o suficiente disso, ela me perguntou algo muito específico sobre o currículo de minha escola. Eu percebi que ela estava me empurrando um “Dale Carnegie”,¹⁷ mas ele lhe teria dito para fazer contato visual comigo.

Eu estava no meio da minha resposta – no meio de uma sentença – quando seus olhos, ainda a desviar-se, repentinamente resplandeceram e se focaram. Ela jogou para o alto suas mãos e chamou pelo nome de alguém, e sem mesmo olhar para trás para mim ou pedir desculpas, andou diretamente para o lugar onde estava olhando, como se nós não estivéssemos conversando de qualquer maneira.

Se você pensa que eu fiquei enojado, está certo. O salmão me mostrou mais respeito do que ela. Eu não fiquei surpreso ou machucado, porque muito antes disso eu tinha aprendido pela Bíblia que as pessoas são freqüentemente insinceras. Mas ainda assim eu fiquei com repulsa pelo fato de que eu entretive sua hipocrisia e em primeiro lugar (v.8).

Até quanto possa falar, ela não foi maliciosa, e provavelmente nem percebeu que abandonou alguém no meio de uma conversa. Ela poderia sorrir e fingir interesse, mas

¹⁶ Veja John Gill, *Exposition of the Old & New Testaments, Vol. 4* (Baptist Standard Bearer, 1989), p. 486.

¹⁷ Veja Dale Carnegie, *How to Win Friends & Influence People*. Eu já havia lido todos os livros de Carnegie até então. Embora eu dificilmente permitiria alguém ler seu *How to Develop Self-Confidence and Influence People by Public Speaking*, não recomendaria o restante para os cristãos. Veja “Conselho Ímpio” em meu livro *Renovando a Mente*.

seu verdadeiro *eu* consistia dos pensamentos e disposições de seu coração, e não das impressões externas que tão dificultosamente tentou criar.

Atingimos o fim de nossa passagem, e eu prometi rever a questão do cinismo, acrescentando ao que já disse sobre isso.

Nossa passagem alerta-nos ao dizer que as pessoas podem ser egoístas, insinceras, duras, más, calculistas, e manipuladoras. Agora, é suposto acreditarmos nisso e ensinar aos nossos filhos, assim como o Livro de Provérbios nos está instruindo. Mas algumas pessoas poderiam se preocupar se isso não geraria um panorama cínico.

Merriam-Webster define “cínico” como “desconfiar desdenhosamente da natureza humana e seus motivos”. Se o cinismo deve ser por definição desdenhoso, então talvez essa não seja a melhor palavra para descrever a atitude bíblica. Todavia, conhecendo a doutrina da depravação humana, devemos ao menos ser “desconfiados da natureza humana e seus motivos”.

A resistência que muitos crentes mostram em relação a esse ensino indica o quanto eles foram influenciados pelo pensamento humanista, que ensina que o ser humano é essencialmente bom, e que tiramos o melhor das pessoas ao confiar nelas.

As Escrituras declaram que os seres humanos são essencialmente maus, ao menos até que Deus soberanamente os mude, e mesmo então eles ainda são capazes de grandes impiedades. A experiência não prova nada, visto que exemplos em defesa de uma visão são sempre facilmente neutralizados por tantos outros contra-exemplos. Mas se nos importamos com a experiência de alguma forma, há uma abundância de exemplos a ilustrar como nós freqüentemente convidamos as pessoas a nos fazer o seu *pior* quando nelas confiamos.

Ainda assim a Bíblia não ensina o cinismo – no sentido de ser um pessimismo amargo e sem esperança, ou uma atitude que impõe uma interpretação azeda e sarcástica de tudo. Mas junto da realidade do pecado, nos ensina a desenvolver e exercitar a sabedoria, discernimento, astúcia e discrição.

De fato, a única prevenção racional para o cinismo é a revelação de Deus para nós concernente ao pecado e à salvação. Aquelas crianças que estão sendo ensinadas de que todos os seres humanos são essencialmente bons, e que uma atitude confiante e afirmativa pode tirar a bondade que há neles, estão sendo preparadas para o choque de suas vidas. Elas estão sendo ensinadas a respeito de algo que simplesmente não é verdadeiro, e quando elas forem inevitavelmente forçadas a encarar a face das profundezas da iniquidade humana no futuro – seja na forma do ódio ou de perturbações, avareza e engano, ou estupro e assassinato – serão deixadas sem a estrutura adequada para interpretar o que experimentam.

Esta é a pior maneira de se aprender alguma coisa, em parte porque ninguém pode aprender qualquer coisa dessa maneira.¹⁸ Sem a verdade revelada para estruturar e controlar o seu pensamento, elas farão generalizações erradas sobre a natureza humana e a sociedade, e produzirão reações emotivas pecaminosas e destrutivas. Muitas voltar-

¹⁸ Ver Vincent Cheung *Pregue a Palavra e Oração e Revelação*.

se-ão para culpar Deus, e acusá-lo de maldade e injustiça. Multidões têm desenvolvido um ódio intenso para com Deus apenas porque as pessoas têm feito a elas tudo o que a Escritura diz que elas fariam, mas o que seus pais e professores disseram que não deveriam delas esperar.

De outra forma, alguém que tenha sido ensinado em todos os preceitos e doutrinas bíblicas em relação à depravação humana não ficaria de qualquer forma surpreso quando coisas que são perfeitamente consistentes com aquilo que aprendeu ocorrem. Enquanto que a experiência não ensina uma pessoa como reagir, quer seja espiritual, emocional, ou socialmente, as Escrituras oferecem informação completa sobre o que se deve esperar das pessoas e como reagir quando elas se comportam exatamente como o esperado.

Em adição, a doutrina bíblica da depravação humana não apenas ensina que *outras pessoas* são pecaminosas, ímpias, e desonestas, mas que *nós* também o somos. Esse e outros ensinamentos bíblicos relacionados nos ajudam a impedir o orgulho e a amargura de fixarem raiz no coração do crente.

Mais do que isso, o cristão também é ensinado sobre a solução para a depravação humana, qual seja, a obra soberana de Deus por meio de Cristo e pelo Espírito para justificar e transformar o pecador. Entendimento sobre a extensão da depravação humana o motiva a apegar-se a Cristo muito mais, e a ardentemente levar adiante a palavra da vida a essa geração perversa. Assim, o cristão informado é ensinado a não apenas esperar o mal das pessoas, mas também a se proteger dele, a lamentar e perdoar aqueles que erram contra ele, e a pregar a Cristo como única esperança.

Portanto, quando toda a cosmovisão bíblica é ensinada – a depravação humana bem como a forma que Deus lida com ela – não há perigo inerente de que alguém desenvolveria um tipo de pessimismo falso ou destrutivo. Uma pessoa com o tipo certo de pessimismo em relação ao homem não é facilmente influenciada por traição e escândalos, como o são muitos cristãos, mas ela os espera, e ciente de que isso vai ocorrer com frequência. Mas nunca é levada ao cinismo ou desespero, porque também conhece o Senhor que sempre é verdadeiro e confiável, e é apenas nele que está a sua confiança e dependência.